

Entrevista: Ricardo Drubsky

Formado em Educação Física

Mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Técnico de diversas equipes de 1º e 2º Divisão no Brasil

Coordenou categorias de base de vários Clubes no Brasil

1) Durante a Copa do Mundo de 2014 foi possível observar algum ponto de evolução tática que tenha sido determinante no resultado de alguma equipe?

Assistimos a confirmação inequívoca da importância da argumentação tática para o jogo. O futebol, enquanto dinâmica de campo, está cada vez mais dependente das ações coletivas organizadas que giram à volta de uma ideia tática de jogo. O talento não perde absolutamente nada do seu valor e ou importância para o jogo, pois, quanto mais aquilatado, mais recursos e melhor executará as tarefas propostas pelo modelo de jogo. Assim sendo, mais destaques terá no contexto das partidas.

2) Ao longo da Copa do Mundo foi muito debatido a movimentação do goleiro da Alemanha tendo uma maior participação durante o jogo com os pés. O que você acha sobre isto? Pode ser uma tendência?

No caso do goleiro Manuel Neuer, trata-se de uma característica particular sua: um goleiro que tem bons argumentos para jogar com os pés. No entanto, algumas das suas iniciativas táticas podem e devem fazer parte de qualquer ideia de jogo, por exemplo: jogar adiantado, como auxílio a leitura do jogo a partir do setor defensivo e interceptação das ações de contra-ataques adversários. Aliás, este é um comportamento utilizado há muitos anos, principalmente por goleiros que têm características para fazer este tipo de jogo. Alguns treinadores têm por conceito usar este componente tático no jogo de suas equipes, mas deve ser prudente pois muitos goleiros se atrapalham ao jogar com os pés.

3) Com sua experiência trabalhando em clubes que possuem centros de treinamento de excelente qualidade como o Atlético Mineiro, Paranaense, Goiás e agora no Vitória, que tipo de vantagens você vê neste tipo de infraestrutura se comparado com outros clubes que ainda carecem disto.

Se me perguntarem se prefiro trabalhar respaldado por um estrutura técnico-científica de alto nível, sempre concordarei. Faço uma ressalva, porém, em se tratando de Brasil, costumamos ter grandes centros de treinamentos subutilizados em seu potencial. Ótimas estruturas físicas e

científicas pouco ou mal exploradas por projetos de futebol de pequeno alcance. Não só pela competência dos profissionais que tocam o projeto, mas pela forma amadora como a “ideia futebol” é concebida no clube. Desde os postos hierárquicos mais superiores do clube até escalões de menor relevância, o futebol é tratado sob conceitos ultrapassados de gestão e construção do jogo. Costumo dizer que “boas cabeças costumam fazer muito melhor que cimento e areia de luxo”!

4) Quais as vantagens e desvantagens do centro de treinamento integrar os profissionais junto com a categoria de base?

Completando a resposta anterior, se o clube tem um projeto futebol que contempla o trabalho desde a formação até os profissionais haverá harmonia para o funcionamento destes dois universos em um mesmo espaço. O grande problema na estrutura clubista brasileira é que os departamentos de Base e Profissional costumam ser dois clubes distintos em um mesmo clube. Pensamentos, objetivos e formas de trabalhar diferentes se confrontam no contexto de convivência destes dois cenários. Costumamos ver, não raro, até rivalidade entre os dois departamentos, o que prejudica substancialmente a saúde dos clubes.

Não sou a favor de se juntar os dois departamentos achando que o simples fato de estarem juntos dará o sentido de unidade de trabalho ao clube. Cabeças precisam estar conectadas a uma ideia macro que representa a concepção de futebol do clube. Tudo girará em torno disso.

5) Quais os principais desafios de um treinador quando planeja suas ações para disputar o Campeonato Brasileiro de primeira divisão?

Não faço a distinção entre as divisões do futebol brasileiro. Comumente os treinadores do futebol brasileiro sofrem com a falta de tempo para praticarem suas ideias. Sem entrarmos na competência do treinador brasileiro, não há respeito ao profissional e nem a profissão. Somos tratados como “milagreiros” ou “exorcistas” que em tacadas de esperteza devemos acertar todas para sermos considerados bons. Bastam alguns equívocos para tudo se desmoronar. Não vejo solução para o futebol Brasileiro, a médio prazo, se não se regulamentar a profissão de treinador de futebol. Muitas coisas serão ganhas por acréscimo: Disciplinaríamos algumas questões nas cabeças e atitudes da imprensa, dos dirigentes e dos torcedores; qualificaríamos os profissionais e melhorariamos o jogo. Será que isso seria bom? Acho importante perguntar isso às pessoas que compõem os segmentos do futebol. Afinal de contas, o que seria do futebol brasileiro se não

tivéssemos um grande culpado para carregar nos ombros todas as mazelas da nossa paixão nacional?

6) Muito se discute que os técnicos brasileiros não são vencedores em campeonatos importantes na Europa. Qual sua opinião sobre isto?

Para mim é claro como a luz do dia! Se não somos valorizados como país organizado, com gestão esportiva de bom nível, como vamos ter treinadores de qualidade que fazem parte desta organização.

Além disso, ou, como consequência disso, o nosso jogo, há alguns anos, não tem sido nada convidativo aos olhos do primeiro mundo do futebol. Basta tentarem responder a uma pergunta: Quantos países da Europa transmitem pela TV o Campeonato Brasileiro da 1ª Divisão? Este mesmo campeonato que dizemos ser o mais difícil do mundo?

Poderíamos pegar por outro lado: Qual é o nível de formação dos treinadores do futebol brasileiros?

Uma ressalva: estamos produzindo há cinco anos um excelente Curso de Treinadores na CBF e temos encontrado muitas dificuldades para regulamentar este curso para o mercado nacional. São muitas forças políticas cujos interesses são os mais diversos que pouco se interessam pela qualificação dos nossos treinadores. E, olha, que a demanda por vagas neste curso tem sido espantosa. “O Brasil do futebol quer se qualificar!”

Mas, parece melhor que os continuemos tendo como “burros”, pois assim não nos constrangeria fazermos esse coro nos estádios a cada domingo em que os nossos times não vencessem.

Analisando este contexto, não aceito que simplesmente maldigamos à competência dos técnicos brasileiros ao acreditar que não estamos a altura dos europeus. Aliás, ultimamente, os treinadores estrangeiros, inclusive europeus, tem se dado mal no Brasil. Onde estará o problema?

7) Existe atualmente uma carência de super talentos de jogadores brasileiros. Isto pode estar relacionado com a restrição de espaço lúdico para as crianças por conta do desenvolvimento urbano, ou você vê outros fatores?

Eu vejo esta questão com mais ponderação. Temos muitos, mas muitos mesmo, jogadores brasileiros jogando nos melhores times europeus. Se estes mesmos jogadores estivessem aqui no Brasil, talvez tivéssemos desconsiderando suas qualidades. Faça outra analogia. Se trouxermos grandes jogadores do futebol internacional e os espalhássemos nas equipes

brasileiras, teríamos muitos deles sendo criticados como são os nossos jogadores aqui no Brasil. Onde está o descompasso nessa maneira de conceber e ou analisar o quilate do nosso talento? Eu acredito que no “jogo brasileiro”. Estamos praticando um jogo sem a regência de conceitos táticos coletivos, por isso o jogador fica sobrecarregado em suas atribuições. O jogador é sempre um “faz tudo em campo”. Devido a característica individualista do jogo brasileiro são atribuídas responsabilidades a mais a cada jogador num jogo que não tem coordenação coletiva. É difícil avaliar qualidades do jogador brasileiro neste contexto. Não é raro, escutarmos personalidades do futebol internacional de alto nível se expressarem: “vamos levar o talento brasileiro pra nossa casa e ensiná-los a jogar o jogo”.

Acho que esta frase resume bem o estado de coisas pelo qual está passando a reputação do talento e do jogo brasileiro.